

# SEGUIR OS SEUS ENSINAMENTOS

## • Abner Sansão Muthemba

«A grande homenagem do nosso povo a dedicar ao grande Mondlane é seguir os seus ensinamentos», palavras de Abner Sansão Muthemba ao recordar Eduardo Chivambo Mondlane. Muthemba que sugere

que o povo devia contribuir para se erguer uma estátua em sua homenagem na cidade de Maputo, relata alguns episódios da vida do Primeiro Presidente da FRELIMO.

«Eu conheci o Presidente Eduardo Mondlane na missão suíça quando ele vivia na casa do professor Clerc, seu professor. Trabalhou lá. Não sei se devo dizer, mas trabalhava como criado. E vivia lá. Beneficiava da comida e da roupa.

Tratava-se de uma pessoa muito inteligente, calma e fiz-me amigo

dele apesar de ser um pouquinho mais velho. Travámos relações amistosas, muito amistosas depois de ele ter sido expulso da Universidade de Witwatersrand, (África do Sul). Já vinha com outra maneira de pensar. Aí eu vi que aquele homem seria uma estrela porque da maneira como falava no-

tava-se que era dado para sociologia.

Quando saiu daqui namorava com uma rapariga negra, e apresentou-ma. Eu era muito amigo dele. Sei, não posso esconder que os pais, por causa do tribalismo, não queriam. Não queriam que ela se casasse com ele porque era machangana, com orelhas furadas. É bom dizer determinadas coisas porque as pessoas estão vivas e vão saber quem são.

Então foi para lá... para as Américas. E, a páginas tantas ele escreve-me e diz que está a namorar com uma branca. Eu fiquei chocado porque a minha preparação era outra. O problema da conservação da raça está entranhado em nós. Hoje já penso de outra forma.

Naquela altura eu escrevi-lhe uma carta muito dura: «Então aquela mulher que tu me apresentaste? E agora vais casar com uma branca, vai sair Mondlane da barriga daquela branca?»

E ele responde-me e diz que se há bastante tempo tivéssemos casado com brancos não teríamos os problemas que nós temos agora porque éramos compadres, primos e tudo. O próprio racismo e o



João Belo (Xai-Xai) 1961: Mondlane fala numa cerimónia realizada em sua homenagem quando dez anos depois de ter deixado Moçambique se reencontra com a sua terra natal, como funcionário das Nações Unidas

próprio colonialismo não teria chegado ao ponto em que chegou. É necessário saber que o valor da pessoa não está na cor da sua pele está no seu «Eu».

Então quando ele chegou aqui, em 1961, disse-nos que a situação que nós temos não poderia prevalecer. Falou ali na Igreja da Missão Suíça e contou uma história de um indivíduo que apanhou uma águia e vivia juntamente com as galinhas na mesma capoeira. E quando lhe perguntavam: por que é que você fica com uma águia entre galinhas, ele respondia que não era águia era uma galinha. As pessoas diziam que não. Esta é uma águia e águia é diferente das galinhas e se você mandar para o mato a águia vai voar. Mas ele insistia que não.

O homem fez a experiência por duas vezes e a águia não voou. Mas à terceira vez a águia foi-se embora para sempre. E eu julgo que com essa história ele queria com isto dizer que nós não éramos portugueses e que apesar de estarmos sob a bandeira portuguesa não éramos portugueses. Mas ele tinha que falar desta forma. É uma história que muita gente conhece. Nós éramos águias, não éramos galinhas e bastava termos uma pequena oportunidade a gente iria voar como a águia voou.

Aqui em Maputo tiveram medo de fazer festa para ele, não porque não quissem mas porque era muito perseguido aqui. Até por familiares dele, primos e eram da PIDE. Havia muitas ameaças. Mesmo a festa no Khovo teve que ser mudada para o Chamanculo. As pessoas, mesmo assim, foram para lá. E empurravam o carro com as mãos. Vocês não podem compreender o que era isso no tempo colonial. Mas o povo já sentia que está aqui o salvador de Moçambique. Sem ele nunca dizer nada, mas eles compreenderam que aí está o salvador de Moçambique.

Eu estava no Xai-Xai com os meus irmãos e outros e, fomos pedir para fazer festa ao governador Óscar Ruas. E ele fez-se amigo dele e foi com ele para muitos distritos e localidades da província de Gaza.

Aquele homem era sup: inteligente. Quando estava a estudar na missão de Cambine os missionários

americanos escolheram-no para continuar os estudos, porque viram que era um astro. Foi para Portugal, mas por causa das perseguições arrancou para os Estados Unidos porque também tinha muitos amigos. Os missionários queriam que ele fosse superior da missão,... estou a revelar coisas que muita gente não sabe. Mas ele depois de beber a sociologia viu que a missão era pequena em relação à nação. Continuou a estudar mesmo depois de tirar o curso de sociologia e antropologia».

Os grupos que ele conseguiu congrega não tinham a dimensão da unidade nacional. Quer-me parecer até que cada um só queria a independência da parte onde vive, o que não nos daria nenhuma independência nacional. Seria aproveitado pelos nossos inimigos para nos dividir mais. Moçambique havia de ficar um cubículo pequenino. Mas ele ensinou-nos que somos moçambicanos do Rovuma ao Maputo. Não interessa o lugar onde nós nascemos, não interessa a cor da nossa epiderme, não inte-

ressa o problema religioso. Em primeiro lugar somos moçambicanos, depois é que vêm outras coisas.

Quanto à homenagem eu penso que se o povo for mobilizado, se nós conseguirmos mobilizar o povo, já que ele não pode ressuscitar, mesmo que arranжемos dinheiro não pode acordar, devíamos procurar acordá-lo de outra forma: construindo uma estátua, que na minha maneira de ver, na minha maneira pessoal de ver, estaria ali onde esteve o Mouzinho de Albuquerque. É ali onde eu julgo que a estátua de Eduardo Mondlane deve ficar. Creio que o Governo ficaria satisfeito, o Partido ficaria satisfeito se a iniciativa fosse do povo e não do Partido, nem do Governo.

Nós não sabemos agora o que é que o Governo pensa. É capaz de estar na cabeça do nosso Partido a construção de uma estátua, mas era necessário que do povo saísse a ideia. Então o nosso Partido, o nosso Governo havia de saber que o povo está vivo. Não se esqueceu do Arquitecto da Unidade. □

---

«O Dr. Mondlane nunca foi um chefe que se colocasse numa posição de superioridade, mas sim um chefe igual ao seu subordinado de quem sempre procurava aprender qualquer coisa».

— JOAQUIM CHISSANO — (Maputo, Jan./75 — Extracto de uma entrevista à «Tempo»).

---

«O Presidente Eduardo Mondlane era um camarada com muita experiência e com muitos conhecimentos, mas apesar disso, achou que se tornava necessário aprender com o Povo.

Além disso uniu o povo para da tribo, do campo e da sua classe social e tinha um sentimento humano, um sentimento excepcional de compreensão da sociedade».

— ARMANDO GUEBUZA — (Maputo, Jan./75 — Extractos de uma entrevista à «Tempo»).

---

«Mondlane criou um povo onde antes não existia; soube criar quadros que, nos momentos difíceis, souberam manter a sua posição, defender as suas ideias e fazê-las triunfar».

— ALBERTO CHIPANDE — (Maputo, Jan./75 — Extracto de uma entrevista à «Tempo»).